



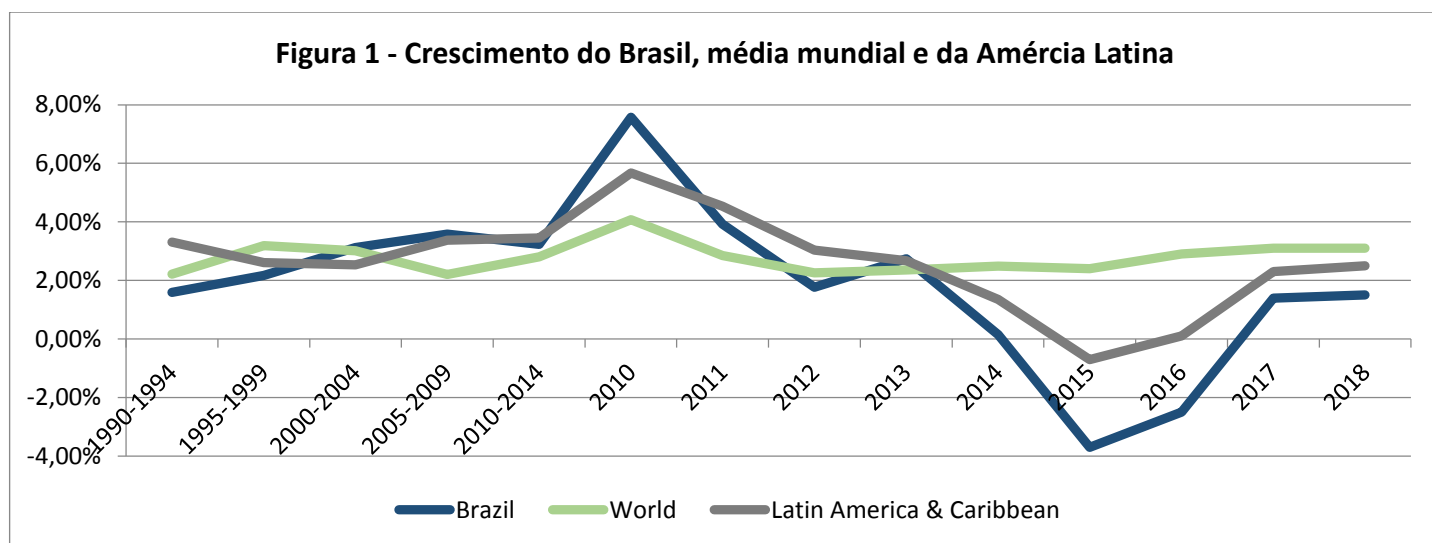
Um debate relevante tem ocorrido sobre os efeitos da crise externa e dos erros de política econômica e outras causas internas no atual cenário de crise pelo qual o país atravessa. Alguns analistas e políticos têm enfatizado o papel da crise externa como elemento principal, mas os dados não dão suporte a essa hipótese.

De acordo com os dados do Banco Mundial, os anos 90 foram desafiadores para o país, com muitas coisas que precisavam ser arrumadas depois de uma década perdida como herança dos desajustes do regime militar. Nos anos 90 o país conseguiu domar a inflação, realizou reformas importantes, mas o crescimento exagerado do setor público, a fragilidade nas contas externas e a dificuldade em domar o déficit público continuaram a segurar o avanço do país.

Na Figura 1, percebe-se que o crescimento da economia brasileira foi inferior à média mundial e também em relação ao restante da América Latina devido aos problemas apontados anteriormente. Nos anos 2000 a situação se inverte e o Brasil passa a crescer mais do que as duas regiões destacadas devido às reformas dos anos 90 e primeira metade dos anos 2000, da manutenção de certas medidas de política econômica que estavam dando certo e da melhora no cenário externo.

Por exemplo, entre 2000 e 2010, o país cresceu uma taxa média de 3,74%, enquanto que as médias de crescimento mundial e da AL ficaram em 2,74% e 3,20%, respectivamente. No entanto, o país ainda ficou bem atrás do desempenho médio dos países em desenvolvimento e de baixa renda.

Figura 1 - Crescimento do Brasil, média mundial e da América Latina



Fonte: Banco Mundial – World Development Indicators e Global Economic Prospects

Na Tabela 1, nota-se que o desempenho da economia brasileira apresentou um desempenho abaixo dos países de baixa renda a partir de 1995. Também ficou bem abaixo dos países do Sul da Ásia em todo o período considerado, com um desempenho superior apenas ao grupo de países de alta renda a partir de 2000.

De qualquer forma, o seu crescimento foi consideravelmente melhor em relação aos anos 90 e também em relação à média mundial e aos países da América Latina, propiciando uma melhora em vários indicadores sociais e aumento dos salários nas diversas faixas de renda.



Conjuntura Econômica

Ribeirão Preto/SP

Prof. Luciano Nakabashi

Tabela 1 – crescimento do PIB entre 1990 e 2018 (previsão a partir de 2015)

	1990-1994	1995-1999	2000-2004	2005-2009	2010-2014	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Low income	-0,5	4,0	3,8	5,9	6,4	6,7	6,5	6,7	5,7	6,3	5,1	6,2	6,6	6,6
High income	2,0	3,0	2,6	1,2	1,9	3,0	1,9	1,4	1,5	1,7	1,6	2,1	2,1	2,1
South Asia	4,7	6,2	5,4	7,6	6,8	9,1	6,3	5,2	6,5	6,9	7,0	7,3	7,5	7,5
Latin America & Caribbean	3,3	2,6	2,5	3,4	3,5	5,7	4,5	3,0	2,7	1,4	-0,7	0,1	2,3	2,5
Brazil	1,6	2,2	3,1	3,6	3,2	7,6	3,9	1,8	2,7	0,1	-3,7	-2,5	1,4	1,5
World	2,2	3,2	3,0	2,2	2,8	4,1	2,8	2,3	2,4	2,5	2,4	2,9	3,1	3,1

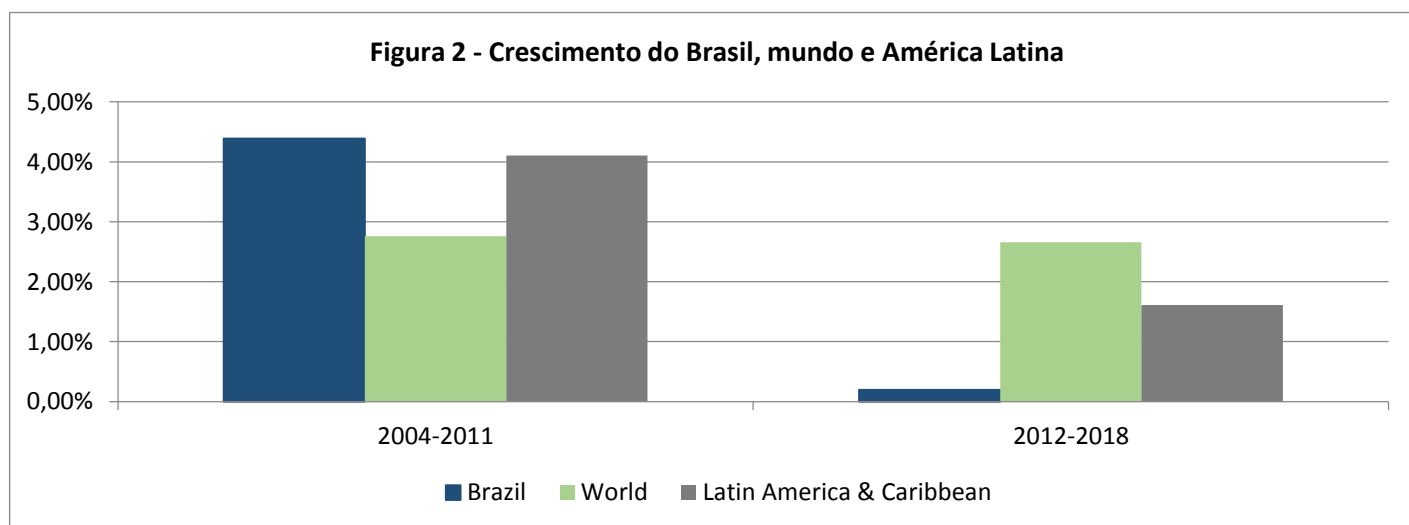
Fonte: Banco Mundial – World Development Indicators e Global Economic Prospects

No entanto, nos anos 2000, o país desperdiçou a oportunidade de manter as reformas relevantes que ocorreram anteriormente que tinham como objetivo dar mais estabilidade institucional e controlar os gastos do governo, melhorando sua capacidade de investimentos.

Adicionalmente, políticas econômicas também começaram a se alterar no sentido de medidas de estímulos à demanda a partir do segundo mandato do governo Lula. Elas foram acentuadas no governo Dilma e as reformas esquecidas quase que por completo. Os resultados negativos começaram a aparecer em 2011/2012, quando o desempenho da economia brasileira começa a se deteriorar significativamente em relação ao resto do mundo e também da AL, como fica evidente na Figura 1.

Comparando o período de melhor desempenho recente do Brasil e da AL (2004-2011) com o período posterior, inclusive com as previsões do Banco Mundial até 2018 (2012-2018) que são mais otimistas para o Brasil do que a maioria dos analistas espera para 2016 e 2017, o país experimentou retração do crescimento em 95,6%!

No país, o crescimento médio passou de 4,39% para 0,19% do primeiro para o segundo período, enquanto os números da média mundial são de 2,76% e 2,66%, respectivamente. Esses resultados estão expostos na Figura 2, onde os resultados para AL incluem também o Brasil, que tem um peso importante na economia da região. Dessa forma, a queda na taxa de crescimento no restante dos países da AL sem o Brasil foi menor do que apontado na Figura.



Fonte: Banco Mundial – World Development Indicators e Global Economic Prospects



Utilizando o restante da AL (excluindo o Brasil) para isolar os efeitos externos, pois esse conjunto de países possui muitas características econômicas e sociais semelhantes às do Brasil, inclusive com desempenho econômico próximo em toda a história, com estrutura produtiva semelhante, além de nível de renda per capita similar, a sua desaceleração (do restante dos países da AL) foi de 3,92% para 2,55%, ou seja, uma retração de 34,8%.

Vamos considerar que esse seja o efeito externo mesmo que alguns países importantes da região tenham cometido consideráveis erros de política econômica e que a desaceleração do Brasil vem afetando a economia dos demais países da AL. Somente com os efeitos externos, o Brasil ainda estaria crescendo a uma taxa média de 2,86%, ou seja, eles são responsáveis por, no máximo, 36,4% da retração do crescimento da economia brasileira, sendo que o restante é decorrente de causas internas, com ênfase nos erros de medida econômica cometidos.

Esses erros criaram déficits muito elevados nas contas públicas, com efeitos explosivos na trajetória da dívida pública do país, o que vem gerando incertezas por parte dos investidores e prejudicando o crescimento da economia. Adicionalmente, os efeitos inflacionários de tais medidas de estímulo da demanda têm pressionado os juros da economia, o que piora tanto o déficit público quanto o montante de investimentos.

No entanto, a corrupção também tem uma parcela de contribuição no desempenho negativo da economia brasileira. A corrupção possui efeitos nocivos, pois os corruptos e corruptores realizam esforços para enfraquecer as instituições que fiscalizam as atividades econômicas e sociais de forma a ganharem mais com atividades ilegais com menos risco.

Em segundo lugar, as pessoas e instituições envolvidas em atos de desvio de dinheiro utilizam recursos produtivos em atividades não produtivas e para facilitar o desvio de dinheiro, acabam sendo realizadas obras desnecessárias ou que são menos importantes do ponto de vista econômico e social.

Adicionalmente, o desvio de recursos acaba reduzindo os investimentos que, de fato, são realizados. Importante ressaltar que esses recursos poderiam estar sendo direcionados para a melhora na infraestrutura, sendo que este é um dos principais gargalos para um bom desempenho do país no longo prazo.

Em suma, as medidas equivocadas de política econômica e os problemas de corrupção explicam, ao menos, 64% da retração do PIB da economia brasileira, ajudando a entender a profunda crise pelo qual o país atravessa. É preciso focar em reformas institucionais para coibir atos de corrupção e para dar sustentabilidade na trajetória da dívida pública para que o país possa voltar a crescer de forma robusta e consistente.